



O MAIOR DESEJO DA BOCA É O BEIJO: NOS LIMITES (HETERO) SEXUAIS

Maria Cristina Cavaleiro¹

Introdução

Nos últimos anos uma pluralidade de estudos - na esteira de perspectivas que utilizam o gênero como categoria de análise - vêm destacando sua importância na produção da desigualdade no espaço escolar. Dentre as diversas aproximações realizadas entre os conceitos de gênero e sexualidade, que na acepção proposta por Joan Scott (1998:115) não se relaciona apenas a discursos e idéias, mas também se refere: “às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas, assim como os rituais e tudo o que constitui as relações sociais”, pode-se ponderar sua abrangência no universo da escola, tomando o postulado do gênero como categoria útil de análise para se refletir sobre as definições que os humanos fazem de si próprios e dos outros.

Incluindo e enfatizando, nessa perspectiva, que as representações do feminino e do masculino como construções culturais e históricas, permitem compreender que o gênero “é a organização social da diferença sexual” (SCOTT, 1994a: 13). Assim, a socialização que o exercício da sexualidade demanda está intimamente relacionada ao modo como as relações de gênero estão organizadas em um determinado contexto. Considerou-se, portanto, a escola como um dos contextos nos quais os jovens e as jovens se produzem como atores sexualizados e generificados (EPSTEIN e JOHNSON, 2000). O diálogo teórico-metodológico se deu, principalmente, com a perspectiva etnográfica na escola, qual seja a de captar o ponto de vista dos outros a partir da interpretação, para entender porque pensam o que pensam e como o fazem (GEERTZ, 1989)².

De acordo com François Dubet (1997), a experiência no espaço escolar não se reduz somente à sala de aula, mas também é feita de relações como as amizades e os amores. Individual ou coletivamente diversas ações são elaboradas por alunos e alunas para experienciarem as dimensões do diálogo, do encontro, da afetividade e do jogo amoroso na escola. Durante a realização da pesquisa observou-se como os espaços e tempos adquiriam significados e sentidos, na medida em que os jovens e as jovens circulavam e sociabilizavam-se nessa escola.

¹Professora Doutora. Universidade Estadual do Norte do Paraná /UENP/ Campus Cornélio Procopio. cris.cavaleiro@uol.com.br

² Na investigação empírica realizada na instituição escolar, diversos métodos foram utilizados para coleta de dados: observações, questionários, entrevistas individuais semi-estruturadas e grupos de discussão.



A sociabilidade adquiria dimensão prioritária desde suas chegadas ao portão do pátio externo da escola. Nessa como em outras escolas, ao se dedicarem à construção das experiências juvenis, alunos e alunas também construía o mundo da vida amorosa (e “festejavam”). Traduziam processos de aprendizagens para as formas de se estabelecer relacionamentos afetivos e confirmavam que a escola é, de fato, espaço central de vivências da sexualidade, entrelaçadas com as identidades emergentes dos jovens e das jovens. Entre as experiências e vivências de aprendizagens sobre pensar, agir, sentir sobre o outro e sobre si mesmo e as normas sociais para seus relacionamentos, as fronteiras são emaranhadas e os limites instáveis. Como alguns desses processos foram tratados nessa escola?

“O maior desejo da boca é o beijo”³: *scripts (hetero) sexuais*

As observações feitas no trabalho de campo permitem dizer que nessa escola há muitas cenas para os beijos. Em qual escola não há? Não se pretende, aqui, uma investigação exaustiva do significado do beijo, nem se trata de um estudo exploratório de brincadeiras. Os beijos são gestos significativos – aproximam e/ou distanciam os corpos – nas experiências afetivas dos processos de socialização no aprendizado da sexualidade. Portanto, para que os beijos acontecessem, ocorriam “muitos preparos”: insinuações, seduções e atrações. Cenas intimamente interligadas; no momento das interações, as experimentações aconteciam nos cantos, corredores, portões, bancos.

Assim, a experiência do beijo pode ser examinada como uma das formas de construir um *script* sexual (PARKER, 1991). O conceito de *script* sexual permite compreender os beijos como possibilidades de interação sexual com regras que podem ser explícitas ou implícitas entre os/as jovens. Conforme Vera Paiva (2000, 2006, 2008) os *scripts* dependem dos significados das práticas realizadas em cada "cena sexual" e são construídos em articulação com outros sistemas de organização da vida social, nos quais os indivíduos são socializados, por exemplo, os *scripts* de gênero. Assim, os *scripts* sexuais e de gênero (HEILBORN, 2006, PAIVA, 2008) conferem sentido às sensações, situações, palavras e estados corporais, e estão intimamente interligados no mundo vivido da cultura sexual dos/as jovens.

Muitos *scripts* de “beijos, abraços e apertos de mão” foram presenciados quando os jovens e as jovens chegavam ao portão externo da escola ou ainda permaneciam na calçada, no pátio externo, no aguardo do primeiro sinal para entrar no ambiente interno. Às segundas-feiras, por exemplo, se comemorava os reencontros entre amigos e amigas. Evidenciando padrões de

³ Fragmento alusivo a trecho da letra da música “Bandeira” de Zeca Baleiro.



masculinidade esperados (e aceitos) na sociabilidade entre os próprios garotos, observavam-se mais os apertos de mãos, combinados com muitas gestualidades (algo como um soco no encontro das mãos cerradas) e abraços na forma de “tapotagem” nas costas. Entre garotos e garotas misturavam-se apertos de mão e abraços mais demorados e efusivos, sorrisos, inventavam-se cumprimentos feitos com as mãos e beijos. Diversas situações revelavam-se em diferentes ambientes, os “palcos” dos *scripts* sexuais. No espaço interno da escola, durante o horário do intervalo, havia um caleidoscópio de interações, as cenas misturavam-se e apareciam com mais frequência os *scripts* de sedução: abraços e beijos mais demorados e para estes os lugares escolhidos também variavam, pois para os *beijos mais quentes é melhor ficar num canto mais confortável* (Nota de campo. Garoto, 16 a).

Numa dessas cenas que foram observadas, ao se despedir, um aluno sai em direção ao amigo e exclama num tom de voz bem alto: - *Quero é beijar muito, pois essa menina é muito gostosa!* (Nota de campo. Observação. Espaço interno da escola). O garoto anunciava seu *script* de gênero e nos próprios termos também emitia as razões pelas quais entendia, percebia e sentia que poderia ter algum tipo de atividade sexual. Desta forma ensaiava uma identidade pública – heterossexual – para ser reconhecida pelos outros e por ele mesmo.

Os beijos são planejados a partir da combinação de práticas de escolhas próprias. Às vezes, num *script* de enamoramento o beijo é uma experiência que não pode demorar tanto para acontecer. No grupo de discussão, uma das jovens dizia que esses beijos entre *quem namora – meninos e meninas - e ficantes é algo muito normal que acontecia não só na escola, como em outros lugares.* (Garota, 17 a. Grupo de discussão). A esse respeito, não houve discordâncias. Afinal, *todo mundo que namora ou fica beija, não é mesmo?* (Garota. 17 a. Grupo de discussão).

Nos períodos de intervalo, garotos permaneciam próximos às arquibancadas, em pequenos grupos, olhando o movimento das garotas que passavam por ali. Observavam e faziam gestos entre si, externando suas opiniões que não deixavam dúvidas quando se tratava de uma garota considerada atraente. Muitas jovens circulavam abraçadas, permaneciam sentadas nos colos umas das outras ou então bem próximas. Cenas de carícias e beijos entre as garotas eram visíveis. Um garoto ao observar uma troca de carinhos entre duas meninas não hesitou em explicitar o *script* que considerava “correto” ou “normal” exclamando, em tom jocoso, mas não menos ruidoso: “*Falta um homem aí!*” (Nota de campo. Observações no intervalo).

A cena sugere perceber a impossibilidade de separar, de alguma maneira, gênero e sexualidade. Portanto, “gênero é desempenhado pela sexualidade, e a sexualidade por meio do



gênero” (EPSTEIN e JOHNSON, 2009:90). A insinuação (“*falta um homem aí*”) revela sinais de desejo/repulsa embaralhados nos dizeres do jovem. Se a intimidade entre garotos é percebida como algo que não se enquadra nos valores masculinos cultuados, porque para as garotas seria diferente?

Processos macro históricos de produção dos diferentes significados masculinos e femininos e das sexualidades que embasam as relações sociais e reificam-se nas relações estabelecidas no interior da escola refreando as aproximações e os contatos propriamente sexuais. Processos de socialização propensos a promover, estender e perpetuar a heterossexualidade, reverberando para atitudes homofóbicas.

Outros significados foram igualmente destacados quando se solicitou, nos grupos de discussão, que os/as participantes elaborassem uma “cena de namoro entre duas garotas que estivessem na escola”, e como as descreveriam nessa situação

(...) **uma bem feminina** e a outra mais com uma postura, **mais assim, masculina** (...); (...) **uma bem feminina**, docinha, cabelos mais com gel, **outra masculina** (...); (...) uma com cabelos mais cacheados, presinho, mais maquiada, e a outra com bermudão, boné, raspar a cabeça se puder ela raspa; (...) **aquela coisa mais masculinizada** (...) (Professores/as. Grupo de discussão, grifos meus)

Uma vestia bermuda e camiseta larga assim, tipo **roupinha de menino**, e a outra podia estar **de menina mesmo**, blusinha de alcinha, calça jeans, tamanco, cabelo longo, e a outra de cabelo curto (Garota. 17a. Grupo de discussão, grifos meus)

O que nos parece interessante problematizar é que, no contexto dos fragmentos das narrativas, todos os/as participantes sabiam que se tratava de duas garotas. Sobressaem dessas falas, os rígidos binários de gênero subordinados a uma flagrante visão heteronormativa, supondo como único modelo a relação heterossexual “homem e mulher”, “garoto e garota”. Afinal, o que seria uma garota “bem feminina” e “outra”, “aquela coisa mais masculinizada”?

Para não “trair” o pressuposto universal da heterossexualidade, uma das garotas deve (ou pretende) necessariamente escolher para si o sexo oposto para poder namorar outra garota? Ao dizerem “uma mais feminina”, e a “outra masculina” traduzem que jeitos de ser, perceber e sentir, são policiados na escola, revestidos da insistência de que formas de masculinidade e feminilidade devem ser estabelecidas como rigidamente opostas.

Assim, pode-se perceber nos fragmentos das falas de professores/as e alunos/as uma (*con*) *fusão* fazendo com que a compreensão do gênero, a condição social pela qual somos identificados como homem ou mulher, e a sexualidade, a forma cultural pela qual vivemos nossos desejos e prazeres corporais, sejam tomadas como duas coisas peremptoriamente vinculadas (WEEKS, 1986). Por meio do “policiamento de gênero” (BORRILLO, 2001) se reforça a associação unívoca e supostamente natural entre sexo, desejo e gênero. Nesse amálgama, o ato de cruzar fronteiras de comportamentos masculinos ou femininos considerados “apropriados”, ou seja, a transgressão dos



limites impostos pela idéia de “um gênero correto” aparece como “*aquela coisa mais masculinizada*”, “*trejeitos de homem*”. A transgressão de padrões tomados como legítimos é socialmente ridicularizada, numa das manifestações típicas da homofobia, qual seja, a de atribuir às garotas algo como um gênero defeituoso, falho.

Mas... “A flor que eu desejo eu não posso beijar”⁴: estigma e discriminação

Numa acepção de dicionário, um exagero significa que algo está sendo feito com excesso e se traduz como abuso. Na discussão dos limites para “beijos exagerados” nessa escola uma cena foi lembrada quando “*duas meninas, que se beijavam no pátio da escola*” (e) foram chamadas na sala da coordenadora [...] para protegê-las [...] evitar que sofressem com tal exposição, pois isso era um exagero (Professora. Grupo de discussão).

O beijo entre as garotas além de ser considerado “um exagero” também agregava a conotação de escândalo. Essa conversa “comum” foi realizada numa sala (da coordenadora) e alertava-se às garotas que:

quando vocês duas decidem dar um beijo na boca, vocês sabem que não vão mais passar pelo corredor, despercebidas, todas vocês serão apontadas, faladas. **Então o que vocês querem (é) uma vida normal? Vocês querem chamar atenção**, vocês querem viver o amor de vocês da forma que acham que devam? Essa **atitude vai fazer com que fiquem procuradas aqui dentro**. (Professora. Grupo de discussão, grifos meus)

Materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais, percebe-se os efeitos da matriz organizativa da heterossexualidade compulsória (RICH, 1999) ou da evidência heteronormativa (ERIBON, 2008). A cumplicidade da escola para formar a todos e todas para serem heterossexuais explícita, sem titubear, que sofrerão a depreciação diante dos outros e “*serão apontadas e faladas*”. Se não aprenderem a silenciar sobre si mesmas, a rejeitar e ignorar os próprios desejos resta-lhes o estigma. Por isso, determinam que a “arte do disfarce”, do ocultamento, se torna necessária, pois “aquilo que fazem” tem que ser escondido, não revelado.

Ao ampliar a compreensão do estigma como atributo do indivíduo ou das interações face a face (GOFFMAN, 1978), Peter Aggleton et al (2005) propõem reconhecer que o estigma e a estigmatização se formam em contextos específicos de cultura e poder. Assim, o estigma e a discriminação são processos de desvalorização e nunca surgem em um vácuo social. Têm sempre uma história, que influencia sobre quando aparecem e sobre a forma que assumem. Mais do que isso, produzem iniquidades sociais, reforçam aquelas já existentes e implicam em duas categorias

⁴ Fragmento alusivo à letra da música “Eu também quero beijar” de Pepeu Gomes



inter-relacionadas: o estigma sentido, ou seja, a percepção de depreciação; e o estigma sofrido ou vivido, aquele intensificado pela discriminação social.

A estigmatização utilizada para legitimar a transformação de diferenças em desigualdades, pretende a retirada das cenas de afeto entre as garotas do espaço público da escola. Quando as garotas são proibidas de expressarem seus afetos e levadas para uma sala para “uma conversa especial”, tal ação parece ser concebida como “proteção” (*para que não sejam molestadas*), contudo fomenta o processo de estigmatização das relações não-heterossexuais na escola e imprime uma expectativa constante da não-aceitação e da segregação social. Um reforço à discriminação que deriva do estigma e que é dirigido “contra os indivíduos que são estigmatizados” (AGGLETON et al, 2005: 9). Trata-se aqui de pensar a educação no sentido da justiça social, reconhecendo que a estigmatização consiste na ética regulada pela iniquidade.

A estigmatização no ambiente escolar mantém uma ordem de interação que confirma o bloqueio da expressão pública e dos *scripts* dos afetos entre as garotas. A ordem da dissimulação peremptória que lhes é impingida fazia com que os espaços jogassem papel importante na socialização dessas jovens, exigindo-lhes cálculos dos riscos e possibilidades em relação aos recursos disponíveis, para conseguir um lugar que, mesmo que não fosse considerado *tão seguro*, consistia no espaço possível para “*namorar ou ficar com uma menina sem esse medo... só no banheiro e com muito cuidado*” (Garota, 17 a. Entrevista individual).

Como resultado, o estigma se mantém o tempo todo, pois aquilo que é “posto de lado” (a visibilidade dos afetos e, por conseguinte das próprias garotas, quando são levadas para uma sala separada dos “outros”) permanece carregando tensões, sustentando receios entre os/as próprios/as jovens

o único problema é que **até tinha certa amizade**, (com as meninas lésbicas) mas quando eu conversava com elas ou quando (as) encontrava no corredor, **tinha medo, pensava que elas iam ficar me agarrando** (Garota. 17 a. Grupo de discussão, grifos meus)

São negados às garotas direitos e proteção igual. Nesse sentido, não serem reconhecidas implica na existência de modelos institucionalizados de valores culturais- que regulam a interação social - e não lhes permitem a participação como igual na vida escolar. Afinal, o processo de socialização da sexualidade dessas garotas consiste em dizer-lhes o tempo todo que devem aceitar não “perturbar” a ordem (hetero) sexual vigente na esfera pública escolar. Não se trata, portanto, apenas de promover debates e ações contra as manifestações homofóbicas presentes nas escolas, mas principalmente de também tornar esses espaços locais prioritários para problematizar processos



de produção das diferenças e das desigualdades, percebendo a instabilidade e a precariedade de todas as identidades.

Bibliografia

AGGLETON Peter; WOOD, Kate e MALCOLM, Anne. *Compreender o que é o estigma e a discriminação: formas e contextos*. In: **Estigma, discriminação e violação dos direitos humanos em relação ao HIV**. Estudos de casos de programas bem sucedidos. Coleção Melhores Práticas da ONUSIDA. EUA: Escola Mailman de Saúde Pública. Universidade de Columbia, ONUSIDA, 2005.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

DUBET, François. *Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor*. Entrevista concedida a Angelina T. Peralva e Marília P. Spósito. In: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, Numero Especial 5, mai/jun/jul e set/out/nov/dez., 1997.

EPSTEIN, Debbie e JOHNSON, Richard. **Sexualidades e instituição escolar**. Madrid: Paidéia/ Ed. Morata, 2000.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud,

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HEILBORN, Maria Luíza. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: HEILBORN, Maria Luíza; AQUINO, Estela M. L; BOZON, Michel e KNAUTH, Daniela R. O. (orgs.). **Aprendizado da Sexualidade**: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006b. pp. 29-57.

PAIVA, Vera. **Fazendo sexo com camisinha**: sexualidades jovens em Tempos de AIDS. São Paulo: Summus, 2000.

_____. *A psicologia redescobrirá a sexualidade?* **Psicologia em estudo**. Maringá, v.13, n. 4, Dez./2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400002&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 09 Out. 2009.

_____. Analisando cenas e sexualidades: a promoção da saúde na perspectiva dos direitos humanos. In: CACERES, Carlos; CAREAGA, Glória; FRASCA, Tim e PECHENY, Mario (orgs.). **Sexualidad, estigma y derechos humanos** - desafios para El acceso a la salud en America Latina. Lima, Peru: FASPA/UPCH, v. 1, 2006. pp. 23-52.

_____. Jovens produzindo identidades sexuais. **Revista Brasileira de Educação**. vol.14, n.40, 2009. pp. 83-92.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões**. São Paulo: BestSeller, 1991.



RICH, Adrienne. La heterosexualidad obligatoria y la existencia lesbiana. In: NAVARRO, Marysa e STIMPSON, Catharine (comp.). **Sexualidade, gênero y roles sexuales**. Buenos Aires: Editora Fondo de Cultura Económica, 1999. pp. 159 – 211.

SCOTT, Joan W. Entrevista com Joan Wallace Scott. In: **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v.6, n.1, 1998. pp.114-124.

_____. Prefácio a Gender and Politics of history. In: **Cadernos Pagu (3)**: Desacordos, desamores e diferenças. Campinas: UNICAMP, 1994.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality**. New York: Routledge, 1986.